

NOTAS

Uma senhora foi mordida por um macaco e um presidente da República foi atropelado por uma bicicleta, um de nossos melhores escultores, Cheschiatti, vai fazer no cinema o papel de Aleijadinho; o pintor Di Cavalcanti disse que não quer ir à Bienal de Veneza, mas manda quadros; Portinari não vai mandar, Segall também não, mas muita gente mandará; a cronista Marilu, de "O Jornal", vai passar a Semana Santa pescando em Marataises, que é a praia de Cachoeiro de Itapemirim, velho Q. G. de verão dos Braga, e que só não é melhor do que Guarapari porque exatamente não existe em parte alguma praia nenhuma melhor do que Guarapari, ao sul de Vitória, cidade onde, por sinal, o pintor Vittorio Gobbis está fazendo uma exposição; Carlão Mesquita vai a Paris estudar a instalação de uma sucursal de "O Estado de São Paulo"; o crítico de arte Flávio de Aquino voltou de lá e contou que o arquiteto Marcelô Roberto ficou tão comovido em Chartres que se deitou no chão da catedral; este pobre cronista, que tem levado uma vida de extremo recato, foi visto na "Tasca", onde procedeu a uma profunda inspeção do uisque da casa, chegando, altas horas, à conclusão de que é bom; há lá uma senhora que canta uns sambas de Noel que andavam esquecidos mesmo pela grande Araci; proclamamos ainda a existência de um bar no "roof" do Miramar, com amplo domínio dos crepúsculos marinhos, e uma ofensiva de propaganda no Rio da bebida paulista "Calvila", que é uma espécie de Calvados feita com maçãs de Campos do Jordão; Chico Brito e o comandante Dedé vão à Suécia buscar traineiras; a "Parreira do Vizeu", frequentada por senhores portugueses gordos do alto comércio, continua a ser na grande bacalhoada; louvemos o vatapá das sexta-feiras no novo restaurante do "Vogue", feito por uma baiana entretanto magra e com a vantagem de às vezes a gente ver, à luz natural, a beleza delicada e rara de Anabelle; e o "fillet" de linguado do "French Can-Can", onde há um pianista triste.

O preço dos ônibus aumentou por engano, queiram desculpar; foi um erro de redação, explícito-nos gravemente um engenheiro da Prefeitura. Por falar em redação isto aqui (último item da última nota do gabinete do ministro Estilac) não é também um primor de estilo: "solicita, finalmente, este gabinete, que os jornais continuem como órgãos esclarecedores da opinião pública, procurando, porém, em fontes idôneas, os seus informes", etc. Até me lembra a história, contada pelo coronel João Alberto, de seu tempo de tenente; recebeu um ofício de um sargento redigido assim: "solicito a V. S. que a panela do rancho está furada".

Mas quanto a esfarecer a opinião pública, eu, por mim, não sei não; no dia em que a opinião pública, neste país, ficasse realmente esclarecida, que diabo aconteceria? Fiquemos em doce e leda confusão, e até outro dia.

22/3/59 R. B.